

VELHICE E ENVELHECER: Percepções de Idosos Institucionalizados de Uruguaiiana/RS Acerca do Envelhecimento Humano

*Daianne Gonçalves, Rachel Medeiros,
Caroline Altermann, Aline Vieira,
Ana Paula Machado, Andressa Oliveira,
Aline Martinelli Piccinini, Pâmela Billig Mello-Carpes*

RESUMO

O objetivo deste trabalho é verificar as percepções de idosos institucionalizados de Uruguaiiana/RS sobre o envelhecimento humano. A amostra foi composta por 9 idosos que vivem em uma instituição voltada ao cuidado de idosos em Uruguaiiana. Os idosos que concordaram participar responderam a um questionário de identificação e, em seguida, realizaram uma avaliação cognitiva geral através do Mini-Exame do Estado Mental (MEEM). Após, foi realizada uma entrevista em profundidade, através de um questionário semi-estruturado. As entrevistas foram gravadas e posteriormente transcritas. O material foi lido, explorado e agregado em categorias. Verificou-se que as percepções dos idosos institucionalizados de Uruguaiiana/RS são norteadas por idéias relacionadas à concepção biológica do envelhecimento, também predominante em nossa sociedade. O envelhecimento não é pensado ou programado previamente, os idosos o vêem como um processo natural, mas que traz consigo inúmeros aspectos negativos, entre os quais destacam-se as perdas (de funções fisiológicas, da beleza, da saúde física e mental) e a tristeza, relacionada ao abandono e à solidão.

Palavras-chave: Envelhecimento; institucionalização; saúde; percepção.

OLD AGE AND AGING: Institutionalized Elderly of Uruguaiiana/RS' Perception About Human Aging

ABSTRACT

The aim of this study is to examine the perceptions of elderly institutionalized of Uruguaiiana/RS about human aging. The sample consisted of 9 elderly who live in an institution devoted to care elderly in Uruguaiiana. Elderly people who agreed to participate of the study completed a questionnaire to identify and then held a general cognitive assessment by Mini-Mental State Examination. After, was performed an in-depth interview, through a semi-structured questionnaire. The interviews were taped and later transcribed. The material was read, explored and aggregated into categories. It was found that perceptions of the institutionalized elderly of Uruguaiiana/RS are guided by ideas related to biological concept of aging, also prevalent in our society. Aging is not designed or programmed in advance, the elderly see it as a natural process, but that brings with it many negative aspects, among which there are the losses (of physiological function, beauty, physical and mental health) and sadness related to abandonment and loneliness.

Keywords: Aging; institutionalization, health, perception.

¹ Acadêmica do curso de Fisioterapia da Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA). Bolsista de iniciação científica do Grupo de Pesquisa em Fisiologia Humana da UNIPAMPA (GPFis/UNIPAMPA) pelo Programa de Bolsas de Apoio ao Desenvolvimento Acadêmico (PBDA). daianne_rg@hotmail.com

² Acadêmica do curso de Fisioterapia da UNIPAMPA. Bolsista de iniciação à extensão do GPFis/UNIPAMPA pelo Programa de Extensão PROEXT/MEC 2010. kel_fm@hotmail.com

³ Acadêmica do curso de Fisioterapia da UNIPAMPA. Participante voluntária do GPFis/UNIPAMPA. carol_altermann@hotmail.com

⁴ Acadêmica do curso de Farmácia da UNIPAMPA. Participante voluntária do GPFis/UNIPAMPA. aline.vieira000@gmail.com

⁵ Acadêmica do curso de Fisioterapia UNIPAMPA. Bolsista de iniciação ao ensino do GPFis/UNIPAMPA pelo PBDA. machado.anap@hotmail.com

⁶ Acadêmica do curso de Fisioterapia da UNIPAMPA. Bolsista de iniciação científica do GPFis/UNIPAMPA pelo PBDA. dedee_oliveira@hotmail.com

⁷ Professora substituta do curso de Fisioterapia da UNIPAMPA, campus Uruguaiiana-RS. Mestre em Ciências do Movimento Humano pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Membro do GPFis/UNIPAMPA. aaline_martinelli@hotmail.com

⁸ Professora adjunta do campus Uruguaiiana-RS da UNIPAMPA. Doutora em Ciências Biológicas: Fisiologia pela UFRGS. Líder do GPFis/UNIPAMPA. Laboratório de Fisiologia Humana (405), BR 472 km 592. Cx postal 118. CEP 97500-970. pamelacarpes@unipampa.edu.br

INTRODUÇÃO

O aumento da expectativa de vida principalmente ao nascimento é uma conquista de muitas nações, principalmente entre aquelas que se encontram em processo de desenvolvimento, como o Brasil. Por volta do ano de 2025 o Brasil terá cerca de 34 milhões de indivíduos com 60 anos ou mais. Esta perspectiva, nos últimos anos, promoveu um aumento no interesse por pesquisas relacionadas aos efeitos proporcionados pelo envelhecimento. Já observamos algumas novas tendências, mas, antes de tudo é preciso notar que não está ocorrendo apenas o aumento da população idosa, mas um aumento da duração e permanência na idade da velhice. Entretanto, este feito não se reveste apenas de vantagens ou benignidade, visto que sua consequência revela fatores negativos, como os associados à falta de planejamento político-social para abarcar condignamente este contingente populacional (CRUZ, 2000).

Paralelamente ao processo de envelhecimento populacional, as características de vida de agrupamentos familiares em centros urbanos levaram à necessidade da existência de instituições de diversos tipos (lar/casa/asilo para idosos, hospital de apoio, centro-dia) que pudessem atender/hospedar, por períodos limitados ou não, tais idosos, decorrente da dificuldade/incapacidade dos familiares/cuidadores. Em todo mundo, inclusive no nosso meio, número de instituições deste tipo têm aumentado (CHAIMOWCZ, 1999).

Os estudos na comunidade e em instituições permitem os conhecimentos demográficos, epidemiológicos; fornecendo dados importantes para pesquisas sobre este processo. A complexidade do processo do envelhecimento exige que seja estudado por diversas disciplinas. Enquanto um processo dinâmico sofre influência no tempo e no espaço. Para Hayflick (1997) o envelhecimento é um processo acompanhado de perdas na função normal, que acontece após a maturação sexual continuando até a máxima longevidade para os membros de uma espécie. Segundo este autor a manifestação de eventos biológicos associadas a este processo ocorre ao longo de um período que varia entre as espécies e entre os representantes de uma mesma espécie.

Neri (2001) salienta que a relação entre idade cronológica e envelhecimento é apenas um elemento indicador neste processo. Desta forma o critério cronológico é uma referência frente a um mundo temporalizado. Os eventos marcadores dos vários períodos do ciclo vital dependem de parâmetros sociais combinados com critérios de outras disciplinas como: psicologia, biologia e das ciências sociais. Para este autor envelhecimento não é sinônimo de doença. O envelhecer acontece associado ao processo de desenvolvimento sendo influenciado por uma complexa combinação de fatores ao longo de toda a vida.

O envelhecimento apresenta características especiais no que diz respeito às questões de saúde. O processo biológico normal do envelhecimento altera de alguma forma, as reservas funcionais do organismo. Isto pode ser observado nos sistemas muscular, ósseo, nervoso, circulatório, pulmonar, endócrino, imunológico, epitelial. Contudo estas alterações variam entre os diversos tecidos e entre diferentes indivíduos (FARO, 1996). Segundo Duarte e Diogo (2000) as expressões de dependência e autonomia envolvem uma relação dinâmica que se expressa de diferentes formas durante as fases do desenvolvimento. O equilíbrio da relação dependência-autonomia muda ao longo do desenvolvimento influenciado por diferentes fases e domínios (biológicas, educacionais, possibilidades do ambiente físico, valores e exigências cultivadas pelo grupo social, bem como condições pessoais e crenças da pessoa a respeito de suas possibilidades). Das interações entre esses eventos decorrem diferentes padrões de autonomia-dependência, em diferentes indivíduos em diferentes momentos do desenvolvimento humano.

Pode-se admitir que a dependência é apenas uma possibilidade na velhice, e é determinada por fatores biológicos e psicológicos, e ainda por fatores sociais e cognitivos do idoso, o que quer dizer que como fenômeno comportamental, na velhice a dependência é multideterminada por fatores biológicos, psicológicos e socioculturais o que vai acarretar diferentes consequências nas relações do idoso consigo mesmo e com as outras pessoas, com o mundo físico, com o mundo natural e instituições sociais.

A preservação da qualidade de vida frente as ameaças de restrição da autonomia e da independência causadas pelo empobrecimento da vida social e pela deteriorização da saúde são desafios que a longevidade propõe aos idosos.

Pode-se dizer que dependência, independência e autonomia não são condições que se excluem umas às outras, como o ser humano é multidimensional, um idoso pode ser dependente em um determinado aspecto, e ser independente em outros.

Embora a maioria da população idosa seja independente e resida na comunidade, uma minoria precisa contar com o apoio de instituições residenciais de longa permanência. Essa minoria é constituída de idosos muito desvalidos, acumulando problemas sociais e médicos (SINÉSIO e ANDRADE, 2000).

Segundo estudos prévios, o risco de uma pessoa ser admitida em uma instituição após os 65 anos é estimado em 43%, sendo somente em torno de 5% de fato admitido. A utilização de uma casa de repouso cresce para 6% para a faixa de 75 a 84 anos e 22% para acima de 85 anos. Em um estudo de Katz (1996) em 1,3 milhões de idosos, viviam em casa de repouso 16% com 65 a 74 anos, 38,6% entre 75 e 84 anos e 45,3% com mais de 85 anos, onde entre 40,3% a 91% apresentavam algum tipo de dificuldade em atividades de vida diária (KATZ, 1996).

Segundo Scanlon *apud* Netto (1999) 13% dos idosos entre os 65 e 69 anos necessitam de algum auxílio nas atividades de vida diária (AVDs); este percentual se eleva para 55% na população acima de 85 anos. As AVDs são todas aquelas atividades básicas como as de: higiene pessoal, vestuário e alimentação, as atividades domésticas e, as atividades gerais da vida diária.

Queiroz (2000) refere à necessidade do surgimento de serviços de apoio às famílias para o cuidado com os idosos. Segundo este autor a família moderna passa, devido a questões econômicas por uma transformação nos papéis, no qual a mulher tem aumentado a participação no mercado de trabalho, reduzindo ou eliminando a possibilidade de continuar sendo a tradicional cuidadora familiar. Aliado a isto persiste o mito reforçado pela sociedade industrial de atribuir a família à obrigação do cuida-

do com seus avós, sogros, etc., que conduz a necessidade de arranjos na tentativa de evitar a institucionalização, situação na qual pessoas de mais de uma geração se acomodam para tentar garantir melhor assistência aos idosos comprometidos.

Segundo a Portaria M.S. 810/89 que estabelece normas para o funcionamento de casas de repouso, clínicas geriátricas e outras instituições destinadas ao atendimento de idosos consideram-se instituições específicas para idosos os estabelecimentos, com denominações diversas, correspondentes aos locais físicos equipados para atender pessoas com 60 anos ou mais de idade, sob regime de internato ou não, durante um período indeterminado e que dispõem de um quadro de funcionários para atender às necessidades de cuidados com a saúde, alimentação, higiene, repouso e lazer dos usuários e desenvolver outras atividades características da vida institucional.

As mudanças significativas da pirâmide populacional começam a acarretar uma série de previsíveis conseqüências sociais, culturais e epidemiológicas, para as quais ainda não estamos preparados para enfrentar (CRUZ, 2000). Dentro destes, estão as concepções sociais sobre o envelhecimento, por diversas parcelas da população.

Ao realizarmos estudos prévios em uma instituição de cuidado de idosos em Uruguaiana-RS, percebemos que os idosos têm muita carência, e o cuidado que recebem está associado com as percepções de envelhecimento que trazem consigo, o que pode estar relacionado com o aumento da dependência, diante da falta de expectativas de vida. Percebendo tal situação, entendemos como fundamental para seguir adiante com o trabalho junto aos idosos institucionalizados do local conhecer as percepções que estes possuem do processo de envelhecimento. Certamente estas percepções refletirão as características sócio-culturais da região da Fronteira-Oeste do Pampa gaúcho, bem como as peculiaridades de idosos institucionalizados, em grande parte das vezes, diante do abandono parcial ou total das famílias, mas poderão nos dar uma percepção geral de tais representações sociais, instrumentalizando-nos melhor para atuar junto a esta população.

Desta forma, o principal objetivo desse estudo é verificar as percepções de idosos institucionalizados de Uruguiana-RS sobre o processo de envelhecimento.

MÉTODOS

O presente trabalho apresenta resultados parciais de projeto de pesquisa submetido e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisas com Seres Humanos da UNIPAMPA em 2010 (carta de aprovação nº 024 2010).

A amostra utilizada foi composta por 9 idosos institucionalizados, residentes em uma instituição particular voltada à classe de baixa renda do município de Uruguiana/RS.

Foram critérios de inclusão ter mais de 60 anos, residir em uma instituição voltada ao cuidado

de idosos por um tempo mínimo de 3 meses e assinar um termo de consentimento livre e esclarecido concordando em participar da pesquisa.

Após contato inicial com a finalidade de expor os objetivos do trabalho, e conhecer as características da amostra, os idosos responderam a um questionário de identificação e realizaram uma avaliação cognitiva através do Mini-exame do Estado Mental (MEEM). O MEEM é dividido em cinco sessões que avaliam respectivamente: orientação, memória imediata, atenção e cálculo, evocação e linguagem (Folstein *et al.*, 1975), permitindo uma avaliação ampla das funções cognitivas.

Após a avaliação cognitiva, os idosos participaram de uma entrevista semi-estruturada. O instrumento da entrevista semi-estruturada foi formado por sete questões elaboradas pelos autores deste artigo e validado por profissionais experientes da área. As questões norteadoras utilizadas, bem como o objetivo de cada uma, encontram-se detalhadas na tabela 01.

Tabela 01. Questões utilizadas na entrevista semi-estruturada.

| Questão | Objetivo |
|--|---|
| 1. Para você o que é envelhecer? | Verificar o que idosos institucionalizados pensam sobre o envelhecimento humano de um modo geral |
| 2. Como você caracteriza uma pessoa idosa? | Verificar o que os idosos institucionalizados pensam sobre o idoso de um modo geral |
| 3. Como foi envelhecer para o (a) senhor (a)? Como o senhor (a) considera que é a sua velhice? | Verificar como os idosos institucionalizados vêem o seu processo de envelhecimento |
| 4. Quando o (a) senhor (a) era mais novo imaginava que iria envelhecer e com ficaria? Preparou-se de alguma forma para o envelhecimento? | Verificar se os idosos entrevistados pensavam em como seria o seu processo de envelhecimento enquanto eram jovens e se prepararam de alguma forma para esta etapa da vida |
| 5. Você vê o envelhecimento como algo bom? | Verificar quais são os aspectos positivos e negativos do processo de envelhecimento aos olhos dos idosos institucionalizados entrevistados |
| 6. O que o (a) senhor (a) gostaria de colocar a respeito do seu envelhecimento humano que eu não tenha te perguntado? | Verificar se algum aspecto significativo para a concepção de envelhecimento dos idosos institucionalizados não foi contemplado pelas questões anteriores |

As entrevistas semi-estruturadas foram gravadas e posteriormente transcritas para análise, e foram analisadas a partir do agrupamento de temáticas que emergiram das falas dos idosos. As entrevistas apresentaram um roteiro apenas para orientar o fluxo do diálogo.

RESULTADOS

A amostra foi composta por 9 idosos, sendo 3 do gênero masculino e 6 do gênero feminino, com uma idade média de 77,9 (± 10) anos, sendo a idade mínima 60 anos e a máxima 94 anos. O tempo médio de institucionalização foi de 24,2 ($\pm 21,3$) meses. Dentre os idosos entrevistados dois eram analfabetos.

Na avaliação cognitiva realizada através do MEEM 6 idosos apresentaram nível de integridade cognitiva considerado normal e 3 risco de desenvolvimento de déficit cognitivo.

Nas entrevistas ficou clara a predominância da concepção biológica do envelhecimento, uma vez que foi recorrente a citação das perdas de funções biológicas em função do envelhecer, como pode ser percebido nas falas:

“Chega a idade, a pessoa fica idosa, envelhece tudo (...). Fica mais enrugada a cara, enruga tudo.” (M. H, 60 anos).

“Uma pessoa (referindo-se à pessoa idosa) que muitas vezes já não tem mais beleza, já não tem mais saúde.” (M. M, 75 anos).

“A pessoa também não pode mais trabalhar; chegou [pausa] ao fim [pausa] da mocidade”. (J. M. B, 81 anos).

“A diferença (entre o jovem e o idoso) é a idade deles né; a idade vai (...) crescendo, crescendo, aí depois vai diminuindo toda aquela mocidade dele.” (P. V, 80 anos).

“Muitas coisas que a pessoa pode fazer quando é nova, vai ficando velha e não pode mais.” (J. G, 83 anos).

“Vem vindo (a velhice) devagar, vem vindo às doenças, as coisas e... eu já, já tive, por exemplo, que cortar a perna que já me trouxe uma... aí não pude mais trabalhar.” (J. M. B, 81 anos).

Apenas dois idosos citaram que vêem o processo de envelhecimento como um processo natural:

“Faz parte da vida (...) a gente envelhecer (...). Todo tempo a gente pensa, não que vai envelhecer, imagina que vai envelhecer sempre.” (M.S, 66 anos).

“Vejo (o envelhecimento) de uma forma natural porque a pessoa tem que ficar velha... e a vida de todos nós é envelhecer, se não envelhece, é como eu te disse, morre.” (J. M. B, 81 anos)

Poucos idosos (dois) revelaram ter pensado no seu envelhecimento previamente, e, mesmo estes relataram não terem se preparado de alguma forma para esta fase da vida:

“Nem lembrava que ia ficar velha. Que ia ficar idosa.” (M. M, 75 anos)

“Nunca pensei, eu ia vivendo como eu... como... com o passar dos dias sem pensar no envelhecimento.” (M. M, 75 anos)

“A gente não se dá conta, quando vê tá velho [risos], por que é uma coisa que vai chegando devagar (...).” (J. M. B, 81 anos)

Muitos atribuíram, neste momento, o fato de estarem vivos ainda a Deus, à “graça de Deus”. Poucos (dois idosos) revelaram que imaginavam como seria sua velhice e como ficariam quando velhos (sempre evidenciando as perdas biológicas), porém mesmo aqueles que disseram ter pensado no seu envelhecimento afirmaram não ter se preparado para esta fase da vida:

“Bem, bem, graças a Deus que me deu forças para chegar até aqui.” (M. H. C, 60 anos)

“Sim. Me conservando, alimentação boa, graça de Deus.” (P. V, 80 anos)

“Sim (imaginava que iria envelhecer), e não me preparei.” (A. T, 83 anos)

“Assim... a gente não se prepara. Acontece.” (J. G, 83 anos)

Além das perdas biológicas, também foi recorrente a ideia de solidão e abandono no idoso:

“Uma pessoa que muitas vezes já não tem mais beleza fica melancólica.” (M. M, 75 anos)

“Eu considero (a velhice) para mim muito triste (...) faz cinco anos que estou nessa cama.” (M. M, 75 anos)

“Só que ainda tenho um filho que me rodeia (...), demais sim, só solidão (...) a falta de alegria de viver, a falta de companhia, a falta da família que se afastaram de mim quando adoeci...” (M. M, 75 anos)

“Ruim não é (envelhecer), só que as pessoas discriminam muito a velhice.” (J. M. B, 81 anos)

“Tô cansada de viver... Não sei, não acho mais graça em nada, tudo acho triste.” (A. T, 83 anos)

“Foi ficando tudo triste. Tudo ruim, sem graça.” (A. T, 83 anos)

Alguns idosos mostraram-se confusos, apontando idéias contraditórias em suas falas, uma vez que relatavam o envelhecimento como algo positivo e bom, mas se contradiziam em seus discursos:

“Eu acho bom né (envelhecer), mas tudo depende da cabeça da pessoa.” (M. H. C, 60 anos)

“A gente tem crises de envelhecimento, eu não (...) aceitei tudo normal (...) Ah... Tranquila (como imagina sua velhice). É, não tenho problemas.” (M. S, 66 anos)

“A velhice depende da pessoa”. (P. M, 79 anos)

“Às vezes tem pessoa idosa alegre, outras já são tristes, outras não tem paciência para conversar, são malcriadas.” (J. G, 83 anos)

Como pontos positivos do envelhecimento foram citados por alguns idosos a possibilidade de viver bastante, a ponto de ver os filhos e os netos criados e a sabedoria conquistada ao longo dos anos.

“Em certos aspectos (o envelhecimento é bom), apenas. Da gente poder ver os filhos criados, ver os netos, ver os bisnetos.” (M. M, 75 anos)

“A sabedoria. Que a gente aprende, não, durante o tempo que a gente vai envelhecendo a gente vai adquirindo sabedoria.” (M. S, 66 anos)

“Meus netos me querem bem! Ah, minhas filhas, uma é professora!” (P. M, 79 anos)

DISCUSSÃO

Minayo e Coimbra (2002) apontaram que a visão que os idosos têm do envelhecimento ainda é muito ancorada nas perdas e na dicotomia ser velho/ser doente. Nossos resultados corroboram com o dos autores. De fato, ficou evidenciada a valorização das perdas biológicas decorrentes do envelhecimento.

Muitos dos idosos institucionalizados entrevistados estavam em situações de quase abandono, recebendo pouca ou nenhuma visita de seus familiares após a institucionalização. A maioria deles já tinha um longo período de institucionalização, e esta está muitas vezes associada à dependência de cuidado do idoso, que faz com que a família procure uma instituição de cuidado por não conseguir se dedicar integralmente a esta demanda. Alves e Rodrigues (2007) ressaltam que, na medida em que o grau de dependência do idoso aumenta, maior é a chance do idoso auto-perceber sua saúde como ruim; assim como a presença de doenças crônicas também faz com que os idosos percebam sua condição como frágil.

Estes achados concordam com Garcia et al. (2005) que encontraram, nas falas dos idosos que entrevistaram, a visão do envelhecimento norteadas por idéias de incapacidade, dependência e necessidade de cuidados especiais. O presente estudo também encontrou concepções como estas, uma vez que houve relatos sobre a impossibilidade de trabalhar, a presença de doenças que causam dependência (como o caso de um idoso acamado que retomou esta ideia várias vezes ao longo da entrevista).

Oliveira et al. (2009) verificaram a associação da velhice com a morte, e, os idosos por eles entrevistados, apresentaram uma percepção de idoso como sinônimo de morte. Nós observamos que alguns dos idosos apresentaram concepções de envelhecimento como aproximação da morte, demonstrando pouca ou nenhuma perspectiva devida.

Cabe ressaltar, também, que estas concepções de envelhecimento predominantemente encontradas no nosso e em outros trabalhos, não são exclusivas dos sujeitos idosos, mas a sociedade como um todo,

e a família dos idosos e os próprios profissionais que atuam junto aos idosos apresentam concepções semelhantes. Estudos prévios do nosso grupo mostraram que cuidadores de idosos institucionalizados têm uma visão do envelhecimento predominada por aspectos negativos do envelhecer, ressaltando aspectos como dependência e infantilização do sujeito idoso (MELLO et al., 2008); e que a concepção de acadêmicos em fase de conclusão dos cursos da saúde não é muito diferente, estando fortemente relacionada aos aspectos estéticos, à visão mecanicista do corpo como uma máquina e à perda de autonomia, mesmo estes estando cientes do atual contexto demográfico (MELLO et al, 2009).

É necessário iniciar a construção de novas percepções acerca do processo de envelhecimento desde a infância, pois nossas concepções vão sendo construídas ao longo da vida. Leite (2005) acredita que o entendimento da velhice e do seu conceito vem se modificando lentamente e, aos poucos, irá se estabelecer uma nova cultura com o envelhecimento. Apesar de que conscientemente saibamos que o processo de envelhecimento é contínuo e progressivo, nossas concepções sobre ele se baseiam predominantemente no que vemos no olhar do outro (neste caso, do velho, do sujeito idoso), afirma Beauvoir (1990).

CONCLUSÕES

A percepção dos idosos institucionalizados de Uruguaiana/RS é norteada por idéias relacionadas à concepção biológica do envelhecimento, também predominante em nossa sociedade. O envelhecimento não é pensado ou programado previamente, os idosos o vêem como um processo natural, mas que traz consigo inúmeros aspectos negativos, entre os quais se destacam as perdas (de funções fisiológicas, da beleza, da saúde física e mental) e a tristeza, relacionada ao abandono e à solidão.

Embora estas sejam as concepções de idosos institucionalizados, muitos idosos não-institucionalizados, parecem ter percepções semelhantes, pois estas estão relacionadas ao tratamento social da

velhice. É tardada a necessidade de trabalhar-se o processo de envelhecimento desde cedo, a fim de que o velho seja valorizado e de que possamos entender o ciclo da vida como um todo e nos prepararmos desde sempre para cada fase, dentre elas o envelhecimento.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Luciana Correia; RODRIGUES, Roberta Nascimento. **Determinantes da auto-percepção de saúde entre idosos do município de São Paulo, Brasil.** Revista Panamericana de Salud Pública. v.17, n.5/6. p. 333-341, 2005.
- BEAUVOIR, Simone de. **A velhice.** 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.
- CHAIMOWICZ, Flávio; GRECO, Dirceu. **Dinâmica da institucionalização de idosos em Belo Horizonte, Brasil.** Revista de Saúde Pública, São Paulo, v.33, n.5, p.454-460, out. 1999.
- CRUZ, Ivana Beatrice Mânica; ALHO, Clarice Sampaio.** Envelhecimento Populacional: paradigma epidemiológico e de saúde do Brasil e do Rio Grande do Sul. In: **Jeckel-Neto Emílio Antonio, Cruz Ivana Beatrice Mânica (Org.). Aspectos Biológicos e Geriátricos do Envelhecimento. Porto Alegre: EDIPUCS, p. 175-191, 2000.**
- DUARTE, Yeda Aparecida de Oliveira; DIOGO, Maria José D'elbux. **Atendimento Domiciliar: um Enfoque Gerontológico.** Editora Atheneu, São Paulo 2000.
- FARO JÚNIOR, Mário Paulo; LOURENÇO, Alexandre; BARROS NETO, Turibio Leite. **Alterações fisiológicas e atividade física na Terceira Idade: Prescrição de Exercícios.** Âmbito Medicina Desportiva. São Paulo, v. 6, n. 20, p. 5-10, 1996.
- GARCIA, Maria Alice Amorim; ODONI, Ana Paula de Carvalho; SOUZA, Caio Silvério de; FRIGÉRIO, Rafaela Marega; MARLIN, Silvia Stahl. **Idosos em cena: falas do adoecer.** Interface – Comunicação, Saúde, Educação. v. 9, n.18, p.537-552. 2005.
- HAYFLICK, L. **Como e Porque Envelhecemos.** Ed. Campus LTDA, 1997.

KATZ, Public Relations. **Nursing Care In: Jahnden DW & Schrier, R. Geriatric Medicine:** Blackwell Science, Cammbridge, 1996.

LEITE, Marines Tâmara. **A velhice pessoal no imaginário de estudantes de enfermagem.** Estudos Interdisciplinares sobre o Envelhecimento, Porto Alegre, v. 8, p. 115-124, 2005.

MELLO, Pâmela Billig; PICCININI, Aline Martirelli; ROSA, Patrícia Viana da; ROSA, Luiz Henrique Telles da; GARCÊS, Solange Beatriz Billig. **Percepção dos acadêmicos dos cursos da saúde da Unicruz sobre o envelhecimento humano.** Revista Brasileira de Ciências do Envelhecimento Humano. V.6, n.1, p. 42-49. 2009.

MELLO, Pâmela Billig; PICCININI, Aline Martirelli; ROSA, Patrícia Viana da; ROSA, Luiz Henrique Telles da; GARCÊS, Solange Beatriz Billig. **Percepção dos cuidadores frente às dificuldades encontradas no cuidado diário de idosos dependentes institucionalizados.** Estudos Interdisciplinares do Envelhecimento. V.13, n.2, p. 259-274. 2008.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. **Caderno de Saúde Pública, v. 8, n. 3 Rio de Janeiro July/Sept. 1992.**

MINAYO, Maria Cecília de Souza; COIMBRA, Carlos Júnior. (Org). **Antropologia, Saúde e Envelhecimento.** Rio de Janeiro: Fiocruz, p. 212, 2002.

NERI, Anita Liberalesso. **Desenvolvimento e Envelhecimento – Perspectivas biológicas, psicológicas e sociológicas.** Editora Papirus, São Paulo, 2001.

NETTO, Matheus Papaléo. **Gerontologia – A velhice e o envelhecimento em visão globalizada.** Editora Atheneu, 1999.

OLIVEIRA, Sandra Carolina Farias de; PEDROSA, Maria Isabel; SANTOS, Maria de Fátima Souza. **Quem está mais próximo da morte? Percepção dos idosos sobre que faixa etária se associa mais à morte.** Revista Brasileira de Ciências do Envelhecimento Humano. V.6, n.1, p. 146-152. 2009.

QUEIROZ, Zally Pinto Vasconcellos de. **Cuidando do idoso: uma abordagem social.** O mundo da Saúde, São Paulo, v. 24, n. 4, jul/ago, 2000.

SINÉSIO, Neila Barbosa Osório; ANDRADE, Carmem Maria. **Experiências Educativas numa Instituição Asilar.** Praxisterapia, CRUZ Alta, v. 2, n. 2, p. 21-29, 2000.